



## ***A AGRICULTURA ENERGÉTICA E A TRANSIÇÃO***

**Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio)**

**[caio@canaplan.com.br](mailto:caio@canaplan.com.br)**

Por décadas tem-se assistido e lido programas de governo que procuram salientar e valorizar o papel da agricultura e dos agronegócios para o Brasil. Na realidade, apenas a partir do Governo Lula e das críticas, na sua eleição, verificou-se do fato que foi esse o setor que carregou o plano Real nos ombros. A partir de lá, a grande maioria da população brasileira passou a entender o relevante papel dos agronegócios no desenvolvimento do Brasil. Afinal, é só quem permite ao país ter resultado de superávit nas contas externas!

Sendo claro, as realidades dos países é a de, constantemente, ter excedentes agrícolas. Isso tem levado, aos que não subsidiam, a uma consistente queda da renda rural e problemas de qualidade de vida.

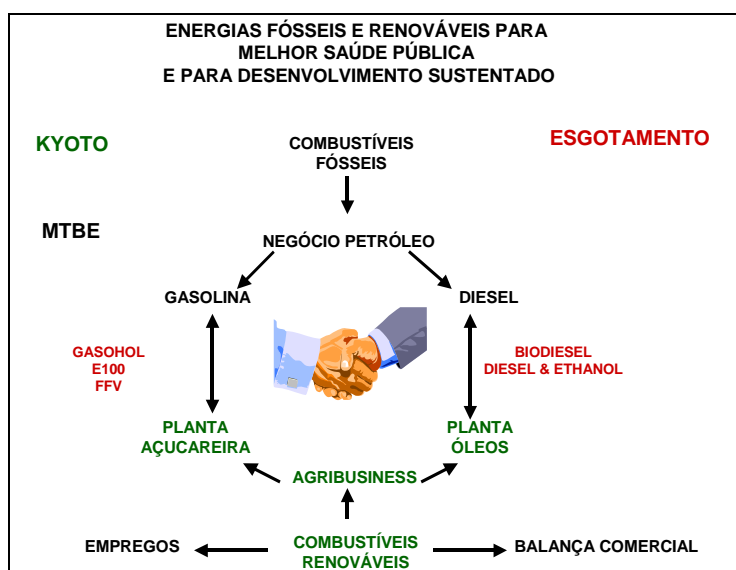
Há exatos 12 meses, em visita à China, pode-se observar o investimento na província de Jilin de, talvez, uma das maiores indústrias de álcool que se conhece, a partir do milho. A lógica para isso é a constante pressão dos largos excedentes de milho na China! Produzirão o álcool anidro que será aditivo da gasolina e, com os subprodutos do milho, a necessária proteína ao consumo animal.

Por acaso, a estratégia dos EUA foi diferente?

E no caso brasileiro, foi muito diferente?

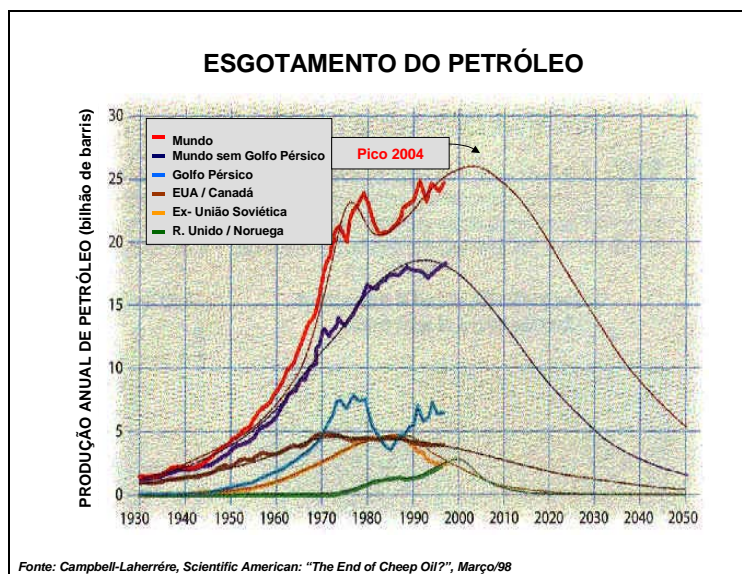
Não se trata, portanto, de “redescobrir a pólvora”, quando se discutem os novos programas de energia renovável nos países que se apresentam agora. O que se discute, no entanto, é o que e como fazer para estimular a produção; o que e como fazer em termos de infra-estrutura; e buscar o apoio dos agentes (entidades) todos que participarão do processo, desde o governo e produtores, até empresas distribuidoras de petróleo, produtores de veículos e revendas.

O que é fundamental é o entendimento claro do que há de novo na motivação dos agentes em torno da energia renovável, caracterizando a fase de transição que o mercado internacional viverá no campo dos combustíveis.



Pode-se dizer, hoje, que é de fato conhecimento geral conceitos como os do desenvolvimento sustentado, da importância da saúde preventiva e da segurança energética, seja através de segurança de oferta ou da redução da dependência energética do Oriente Médio. Esse é um discurso que se observa nos países asiáticos. Logo estaremos vendo ações na Austrália e na África.

Os principais fatores além dos excedentes agrícolas são Kyoto e o seu famoso Protocolo onde o objetivo é a redução das emissões de CO<sub>2</sub>; sabe-se, no mundo desenvolvido, que o setor transportes que é o principal responsável pelo efeito estufa ou pelas mudanças climáticas, não reduzirá as suas emissões se não adotar os combustíveis renováveis. Outro aspecto chave é a eliminação do MTBE, aditivo oxigenado da gasolina derivado do petróleo, que vem causando os graves problemas da poluição das águas. A ambos os temas adiciona-se chamado esgotamento do petróleo, que nada mais é do que o resultado lógico de um consumo elevadíssimo dos derivados do petróleo em todas as áreas energéticas dos países, durante todo o século XX. Com as expectativas do aquecimento das economias, o consumo do petróleo nos países em desenvolvimento se acelerará de forma notável no século XXI, segundo as mais variadas fontes de análise.



Analisados os principais aspectos que motivam os países à produção e ao uso de energia renovável, vai-se desenhando a lógica da transição energética, através do entrosamento entre os setores de energia fóssil e renovável.

De uma forma clara, os negócios do petróleo terão sinergia com os negócios da agricultura energética. Seja do lado do diesel, pela introdução efetiva do biodiesel, ou pelo lado da gasolina, pelo exitoso etanol.

O futuro desta transição terá tudo a ver com o desempenho da evolução tecnológica no campo energético. Os investimentos, pesados, estão no hidrogênio pela abundância e a sustentabilidade que permitirá. Deve-se, no entanto, grifar que o hidrogênio a que se refere é aquele que será carregado por alguma fonte específica. Pelos investimentos todos já realizados em infraestrutura, os candidatos são do lado fóssil (a gasolina, o metanol e o gás natural) e do lado renovável, o etanol e o biodiesel com enorme receptividade. Por serem renováveis, faz todo o sentido serem potenciais escolhidos!

O que se vê, hoje, na transição, é o sucesso relativo dos veículos híbridos (de combustão interna e via eletricidade) e a tendência crescente do uso de veículos flexíveis a combustíveis (fósseis e/ou renováveis).

Isso não é sonho nem perspectivas intangíveis ou absurdas. Nem é presente de Papai Noel!!

Aliás, bom natal aos leitores e um feliz 2004!